



AMAZÔNIA E AGRONEGÓCIO: A SEMIÓTICA DE UM DISCURSO CONSPIRATÓRIO

Amazon and Agribusiness: the semiotics of a conspiratorial discourse

Amazonía y Agronegocio: la semiótica de un discurso conspirativo

Maria Estela Silva Andrade

Doutoranda em Comunicação

Universidade Paulista

mariaestelaandrade@yahoo.com.br

Antonio Roberto Rossi

Doutorando em Comunicação

Universidade Paulista

rossigprs@gmail.com

Paolo Demuru

Docente Titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação

Universidade Paulista

paolo.demuru@docente.unip.br

Resumo

A pesquisa objetiva entender as estratégias e processos interacionais envolvidos das narrativas conspiracionistas sobre meio ambiente e aos povos indígenas nas disputas com o agronegócio, apoiado por políticas públicas durante o governo Jair Bolsonaro. Utilizamos como corpus o vídeo “Cortina de Fumaça” da produtora Brasil Paralelo, especializada em materiais audiovisuais com essa natureza temática, em função dos seus expressivos números de assinantes e visualizações. O referencial teórico é baseado na semiótica estruturalista de Algirdas Julien Greimas, na sociosemiótica de Eric Landowski e expoentes desta linha como Ana Cláudia de Oliveira e Paolo Demuru.

Palavras-chave: Comunicação midiática. Teorias da conspiração. Meio ambiente.

Abstract

The research aims to understand the strategies and interactional processes involved in conspiracy narratives about the environment and indigenous peoples in disputes with agribusiness, supported by public policies during the Jair Bolsonaro government. We used as corpus the video “Cortina de Fumaça” from the production company Brasil Paralelo, specialized in audiovisual materials with this kind of content, due to its expressive numbers of subscribers and views. The theoretical framework is based on the structuralist semiotics of Algirdas Julien Greimas, on the sociosemiotics of Eric Landowski and exponents of this way such as Ana Cláudia de Oliveira and Paolo Demuru.

Key words: Media communication. Conspiracy theories. Environment.



Resumen

La investigación tiene como objetivo comprender las estrategias y los procesos interaccionales involucrados en las narrativas conspirativas sobre el medio ambiente y los pueblos indígenas en disputas con el agronegocio, apoyados por políticas públicas durante el gobierno de Jair Bolsonaro. Utilizamos como corpus el video “Cortina de Fumaça” de la productora Brasil Paralelo, especializada en materiales audiovisuales con esta temática por su expresivo número de suscriptores y visualizaciones. El marco teórico se basa en la semiótica estructuralista de Algirdas Julien Greimas, en la sociosemiótica de Eric Landowski y exponentes de esta línea como Ana Cláudia de Oliveira y Paolo Demuru.

Palabras clave: Medios de comunicación. Teorías de conspiración. Medio ambiente.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da administração de Jair Bolsonaro como presidente do Brasil, diversos retrocessos ocorreram na área ambiental: aumento nos índices de desmatamento na Amazônia e de queimadas no Pantanal, desmonte de órgãos de proteção ambiental e da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), além do incentivo a discursos que colocam em xeque evidências científicas quanto à degradação ambiental - esses, em muitos casos, na forma de narrativas conspiratórias nas quais sujeitos ocultos estariam tentando prejudicar a imagem do presidente (RECUERO & SOARES, 2020).

No Brasil, muito têm-se estudado a respeito da circulação de discursos desinformativos em plataformas digitais como *sites* de redes sociais (OLIVEIRA et al, 2021; DEMURU, 2020; RECUERO, BONOW & GRUZD, 2020) e aplicativos de troca de mensagens instantâneas (REIS et al, 2020; BAPTISTA et al, 2019), no entanto, nos chama a atenção a divulgação dessas falas por mídias, de certa forma, mais tradicionais, como o vídeo documentário. Mesmo que atualmente sua principal forma de divulgação seja a *internet*, este é um formato que vem de longa data e é tido pelo espectador médio como mais próximo à realidade, quando não, espelho dessa (GONZALEZ & SERRA, 2020; CHAPMAN, 2009). Devido a isso, voltamos nossos olhos à produtora gaúcha radicada em São Paulo Brasil Paralelo, referência nacional na produção desse tipo de conteúdo em diversos formatos, sempre aliado à ideologia bolsonarista - retrato da extrema direita brasileira - quanto aos mais diversos temas.

Logo, o presente artigo se propõe a analisar como a narrativa conspiracionista anti-científica é construída no documentário “Cortina de Fumaça”, lançado pela produtora Brasil Paralelo em junho de 2021, e de que forma o discurso contido no filme está articulado com as

estratégias do governo Bolsonaro para o meio-ambiente. Justificamos nossa escolha por tal produção não apenas pela produtora em questão, mas também por acumular, desde a data de seu lançamento em 21 de junho de 2021 até o presente momento (novembro de 2022), cerca de 2,3 milhões de visualizações¹ apenas na plataforma *YouTube*. Partimos da hipótese de que o documentário busca gerar sensação de indignação e injustiça perante “forças ocultas” que tentam barrar o avanço do agronegócio brasileiro sobre os biomas da Amazônia e do Cerrado. Em nossa análise, utilizamos a semiótica narrativa de Greimas e a sociossemiótica a fim de compreendermos a construção da desinformação via teorias conspiracionistas e a funcionalidade dessas na linha discursiva do governo Bolsonaro e na extrema-direita brasileira.

2 A BRASIL PARALELO E O DOCUMENTÁRIO CONSPIRACIONISTA

Nos últimos anos, observa-se um crescimento exponencial da circulação de notícias falsas e desinformativas, facilitado por características do momento político, bem como pela popularização do uso de *sites* de redes sociais e aplicativos de mensagens instantâneas (BAPTISTA et al, 2019). Em seus diversos formatos, esses materiais que circulam no mundo digital em formato textual, imagético e sonoro são, para Gruner & Cleto (2020, p.360), componentes fundamentais da estratégia da “nova direita” na guerra cultural servindo como “diretrizes, orientações e conteúdos de um comportamento jocosamente designado (...) ‘de manada’”. Segundo Demuru (2020), esses meios têm sido frequentemente usados por líderes populistas da extrema-direita e seus apoiadores na disseminação não apenas de *fake news*, mas também de teorias da conspiração, como é o caso do presidente do Brasil Jair Messias Bolsonaro.

De maneira diferente de outros tipos de desinformação, as teorias da conspiração são narrativas que, a grosso modo, podem ser definidas pela “crença de que uma organização formada por indivíduos ou grupo agiu ou está agindo secretamente para atingir algum objetivo maléfico” (BARKUN, 2003, p. 3, tradução nossa). Uma das formas que se mostra eficiente para a propagação desse tipo de narrativa é o vídeo documentário, pois, por remeter ao científico em razão de sua forte carga de objetividade, leva à crença de que sua filmagem é livre da individualidade autoral e que, devido a isso, pode ser interpretada como uma verdade objetiva (WINSTON, VANSTONE & CHI, 2017, p. 147). A disseminação de teorias da

¹ Informação retirada de: <<https://youtu.be/hPTlsV2lmBw>>. Acesso em 01 nov. 2022.

conspiração por esse meio vem de longa data, porém, os altos custos da produção cinematográfica limitaram o feitiço de obras de caráter conspiratório ao longo do século XX, já que em sua maioria, as crenças conspiratórias se contrapõem às possíveis instituições financiadoras (SØRENSEN, 2013), o que mudou com a introdução da tecnologia do *video tape* com a popularização da internet, que baratearam os custos e facilitaram a distribuição e divulgação desse tipo de material.

No Brasil contemporâneo, a produtora de vídeos Brasil Paralelo, alinhada aos valores e defesa do bolsonarismo, desponta como referência na produção de materiais voltados à propagação de ideologias da extrema-direita por meio de um domínio próprio na *internet* e em um canal na plataforma de vídeos *YouTube*. Fundada em 2016, a empresa pegou carona na esteira dos debates causados pelo *impeachment* da presidente Dilma Rousseff e nos constantes discursos midiáticos de rechaço à política tradicional, e, em menos de seis anos diz contar com mais de 100 produções originais, mais de 50 cursos, cerca de 280 mil membros assinantes, sendo que, apenas no ano de 2021, o número de espectadores únicos ultrapassou os 15 milhões (BRASIL PARALELO, n.d.); ademais, produz seis programas originais que são disponibilizados semanalmente no *site* e em seu canal do *YouTube* – canal esse que, até o fim do mês de outubro de 2022, conta com 3,22 milhões de inscritos e quase 290 milhões de visualizações². Além da comercialização de algumas de suas produções originais e captação de fundos por leis de incentivo, a Brasil Paralelo alega que sua principal fonte de renda vem dos planos de assinatura que vende para acesso a materiais exclusivos. Essa é, sem dúvida, uma forma de financiamento arriscada, que necessita que os assinantes tenham um interesse constante pelos materiais da empresa, logo, é preciso, por parte de quem produz, gerar engajamento no público-alvo e enfatizar a importância do produto com um discurso que se diferencie das mídias tradicionais - em outras palavras, sensacionalismo e hiperpartidarismo, estratégias típicas de discursos desinformativos (MOURÃO & ROBERTSON, 2019).

Compondo o catálogo de obras autorais da produtora consta “Cortina de fumaça” (BRASIL PARALELO, 2021b), um longa-metragem do gênero documental, voltado a, segundo a sinopse: “abordar a questão das queimadas na Amazônia, infanticídio indígena, atuação de ONG’S [sic] ambientalistas e o potencial agrícola brasileiro no cenário mundial”³.

² Informação retirada de: <<https://www.youtube.com/c/BrasilParaleloOficial/about>>. Acesso em 24 out. 2022.

³ Retirado de: <<https://youtu.be/hPTIsV2lmBw>>. Acesso em 27 out. 2022.

Dirigido por Lucas Ferrugem, um dos sócios da produtora, o filme tem 1 hora e 50 minutos de duração e é dividido em entrevistas com políticos, estudiosos de diversas áreas, representantes de comunidades indígenas e integrantes de órgãos de Estado e de governo - mas não servidores públicos de carreira - ligados à proteção ambiental. Como representante do ponto de vista do campo político da extrema-direita brasileira para a questão do agronegócio, o documentário, lançado em junho de 2021, traz em seu discurso - ora de forma explícita, ora de forma velada - falas de opositores tiradas de contexto de modo a inverter a interpretação, revisionismo histórico, nenhum espaço para o questionamento e ataques a organizações não-governamentais de proteção ambiental, aos direitos dos povos indígenas, à Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e às comprovações científicas a respeito da degradação ambiental causadas pela ação humana, além de fazer acenos à ditadura militar que comandou o Brasil entre os anos de 1964 e 1984.

3 A PAUTA AMBIENTAL NO GOVERNO BOLSONARO

Já na campanha ao Planalto em 2018, o descaso do governo Bolsonaro com a pauta ambiental já era explícito, seu plano de governo não possuía qualquer menção à área e durante a campanha, o então candidato defendeu o desmembramento do Ministério do Meio Ambiente e sua junção ao Ministério da Agricultura, a saída do Brasil do Acordo de Paris, promessas de flexibilização da legislação ambiental, a fim de permitir a exploração econômica de terras e bens naturais em áreas de proteção, e o fim da concessão de territórios a comunidades indígenas e quilombolas. Mesmo que algumas dessas propostas não tenham se concretizado ao longo do mandato, a propagação de tais discursos transmitiu, segundo Barreto Filho (2020, p. 6), desde antes da posse, “a sensação generalizada de que o governo ‘liberou geral’”; dessa forma, não demorou para os impactos serem sentidos: já no primeiro mês de mandato, durante a invasão de uma terra indígena, posseiros armados gritaram: “Agora Bolsonaro é presidente!”⁴; ainda no mesmo semestre, foi registrado aumento na taxa de desmatamento da Amazônia, o que continuou se repetindo nos anos seguintes, mais adiante, houve descrédito do trabalho de referência realizado pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) e o sucateamento da FUNAI.

Ao longo do mandato, as queimadas históricas no Pantanal brasileiro chamaram atenção da mídia internacional e ameaçaram retaliações econômicas ao país; em resposta, o

⁴ Disponível em: <<https://www.noticiasominuto.com.br/justica/879552/homens-armados-invadem-terras-indigenas-agora-e-bolsonaro-presidente>>. Acesso em 03 nov 2022.

presidente afirmou ser vítima de uma campanha de desinformação sobre a Amazônia e o Pantanal e apresentou números destoantes daqueles divulgados pelos órgãos de controle. Houve sustentação de um discurso similar ao encontrado por Recuero & Soares (2020, p. 74) em pesquisa sobre *fake news* sobre meio ambiente em redes sociais: uma batalha do bem contra o mal - estrutura recuperada pelo documentário “Cortina de Fumaça”.

4 METODOLOGIA

Tendo em vista que partimos da hipótese de que o documentário “Cortina de Fumaça” busca criar em seus espectadores uma sensação de indignação e injustiça quanto aos “defensores dos interesses da nação” que enfrentam “forças ocultas” na área ambiental e agrônômica, para análise do corpus, optamos pela semiótica narrativa de A. J. Greimas. Justificamos nossa escolha por se tratar de um método que nos permite, por meio do percurso gerativo, evidenciar diversas etapas da construção de sentido, identificar os actantes e explicitar objetivos e valores implícitos ao texto. Contudo, por se tratar de um objeto socialmente dinâmico, ideológico e que mobiliza paixões, cremos ser necessário ir além da análise da *representação* e dar conta da *construção* do social enquanto sentido; para isso, também mobilizamos a sociosemiótica. Segundo Landowski (2014, p.12, grifo do autor), a sociosemiótica:

pretende construir uma problemática mais abrangente da *significação* concebida ao mesmo tempo como uma totalidade dependente da articulação estrutural imanente a cada discurso ou prática (e não de uma simples justaposição de elementos combinatórios) e como resultado de uma construção negociada entre os actantes (e não como produto de um simples reconhecimento de unidades pré-codificadas).

Acreditamos que a utilização dessas duas ferramentas juntamente a teorias sociológicas, políticas e históricas que nos ajudem a dar conta da dinâmica contemporânea da sociedade brasileira e da visão particular que movimentos de extrema-direita têm da pauta ambiental se mostrará uma união eficaz para o teste de nossa hipótese.

5 ANÁLISE

5.1 Oposições Semânticas de Base

A versão do vídeo “Cortina de Fumaça” aqui analisada é gratuita, de acesso aberto através do site da produtora ou diretamente no *YouTube*, composta por doze segmentos de

diferentes durações e com narrativas e temáticas convergentes. Antes de seu início, o documentário conta com uma abertura que tem a finalidade de explicitar a importância do conteúdo a ser exibido e arrecadar novas assinaturas à plataforma da produtora.

Ao traçarmos a linha narrativa do filme a partir do percurso gerativo de sentido proposto por Greimas, identificamos os seguintes actantes: o povo (sujeito) que se opõe a “poderes ocultos” que querem dominá-lo (antissujeito), algo característico de teorias conspiratórias e de regimes populistas, que se baseiam nessa polarização para descreditar instituições, autoridades e regimes políticos (DEMURU, 2022, p. 113).

Para que seja possível compreendermos as finalidades da obra, é preciso identificarmos quais valores se fazem representados por tal oposição. Por se tratar de dois termos vagos, há indeterminação semântica, ou seja, são palavras usadas, como diria Laclau (2011), como *significantes vazios*, expressões as quais podem ser associadas a uma diversidade de significados de acordo com o contexto. Neste caso, como estamos lidando com a defesa de um projeto ambiental e agrícola - extensível para um projeto de país -, identificamos que o termo “povo” carrega subjacente consigo a ideia de uma nação unida, de uma país soberano, alcançável, segundo o discurso fílmico aqui analisado, por meio da ideologia de extrema-direita, e carrega valores eufóricos - o bem, a verdade - representados no tempo histórico da produção pelo governo Bolsonaro; dessa forma, do lado oposto se encontram aqueles que ameaçam esses ideais e seus valores disfóricos (o mal, a mentira): ambientalistas, organizações não governamentais (ONGs) corruptas, antropólogos, os grandes veículos midiáticos e países que pregam o discurso de sustentabilidade, escondem segredos e têm finalidades escusas, ou, de maneira ampla, todos os que se encontram no espectro oposto do campo político, aglomerados sob a alcunha de “a esquerda”.

Porém, nos chama a atenção a tentativa de inversão de papéis na construção discursiva: mesmo sendo a Brasil Paralelo simpática ao grupo político que se encontra no poder - e com alguns dos entrevistados no documentário integrantes desse grupo -, o discurso é produzido de modo a dar a entender que são os “outros” os que têm o poder da máquina do Estado para definir as políticas ambientais. Similar à análise feita por Demuru (2022, p. 115) a respeito do uso de teorias da conspiração por líderes populistas, dessa forma, aqueles que trazem o conhecimento se mostram como “salvadores da pátria”.

5.2 Estruturas Narrativas

Identificadas as oposições e os valores, conseguimos traçar o percurso narrativo do sujeito (“nós”, “povo”, “Brasil”) ao longo do documentário: logo na sentença inicial do filme, é dito que “a história da civilização é a história da busca pela verdade”, assim, subentende-se que será revelado ao espectador um grande segredo, que a continuidade do texto se refere como: “ao que está por trás da cortina de fumaça que assola o nosso país”. A aura de constante enigma a ser revelado é mais um traço característico das teorias da conspiração (ECO, 1990; DEMURU, 2022). De maneira generalista, o percurso traçado por teorias conspiratórias visa dotar o sujeito das competências necessárias para que saia de sua posição inicial de ignorância e atinja o conhecimento. Dessa forma, pressupõe-se que esse (o povo enganado) parte de um lugar de mentira em busca da verdade; para isso, a *Brasil Paralelo* fornecerá o objeto modal do saber necessário: o documentário. Cabe ressaltar que o percurso proposto pelo filme se destina a um *leitor (espectador) modelo* (ECO, 1993), ou seja, suas estratégias narrativas são construídas visando um público já inclinado a um espectro político de direita e sem profundo conhecimento das questões ambientais e da dinâmica do agronegócio no Brasil.

Para reforçar o convencimento, a montagem é estruturada de forma a intercalar assuntos por vezes aparentemente desconexos e retomá-los mais adiante do decorrer da narrativa (práticas culturais de algumas etnias indígenas - que acabam sendo generalizadas a todas as tribos -, previsões apocalípticas da ficção científica e o potencial agrônomo brasileiro), acreditamos que como forma de não hiperbolizar nenhum deles a ponto de causar descrédito. Junto a essa composição, há fidelidade a uma estrutura clássica do gênero documental - modo expositivo, segundo a classificação Nichols (2005) - que “agrupa fragmentos do modo histórico numa estrutura mais retórica ou argumentativa do que estética ou poética” (NICHOLS, 2005, p. 142). Sobre isso, chegamos a uma hipótese similar à desenvolvida por Sørenssen (2014) a respeito do filme *Zeitgeist* (JOSEPH, 2008), em que esse alega que diferentemente de outros documentaristas que tratam sobre conspirações, o filme evita formas mais diretas de proselitismo e se baseia em métodos mais convencionais, dessa forma, “o cineasta poderia usar essa confiança adquirida como uma aceitação implícita de visões e ideias que normalmente são consideradas periféricas” (SØRENSEN, 2014, p. 212).

5.3 Estruturas Enunciativas

Como parte da estratégia de conversão (DA EMPOLI, 2022, p. 20), a sequência de abertura do documentário antecipa as temáticas que virão e sua abordagem: a terra vista do espaço, que em sua totalidade sugere a abordagem do clima e sustentabilidade, secundada pela apresentação da imensidão da Floresta Amazônica como um vasto território intocado, para ausência de desmatamento, e uma aldeia desabitada - a temática indígena em oposição à urbana em que as pessoas precisam de espaço. Ao longo do filme, são utilizados narradores e entrevistados em papéis actanciais (GREIMAS, 2014, p. 70) que alternam entre o uso de camuflagens subjetivantes e objetivantes (GREIMAS, 2014, p. 123) para criar um *efeito de ser* verdadeiro por meio de suposta isenção, veracidade, seriedade, apartidarismo, neutralidade e independência financeira da produtora. Esse jogo entre narradores e cenas provoca uma *impressão de realidade* da cena ilusionista que se oferece ao olhar como uma “fatia de vida” (XAVIER, 2003, p.15), estratégia para fazer crer na verdade de suas afirmações.

Em seu início, o documentário é apresentado como resposta a uma busca da humanidade por uma verdade complexa que precisa ser revelada e, para isso, a produtora apresenta sua competência para a tarefa usando atores subjetivantes, um grupo formado por especialistas de diversas áreas: políticas, científicas, lideranças diversas, inclusive indígenas, tendo em comum fazerem parte do governo Bolsonaro ou serem representantes do agronegócio, em ambos casos, pessoas consideradas pela produtora como experientes e capacitadas para falar sobre o que definem ser a maior “bandeira política do século XXI”. Essa estratégia visa tornar amplo um tema que é restrito, de forma a lhe atribuir relevância. Vale salientar que o agronegócio é um setor da economia que em grande parte apoia Bolsonaro desde a sua candidatura às eleições de 2018, mantendo-se fiel mesmo nos momentos em que esse desafiou as instituições democráticas.

Em seu conjunto, as sequências do filme abordam temáticas que apresentam euforicamente o agronegócio como a solução para as demandas alimentares da humanidade, objetivando o avanço agrícola nas regiões do Cerrado e da Amazônia e ignorando os impactos ambientais que produzem, estratégia que desvia o foco da disputa pela exploração irrestrita da floresta para a do atendimento a um desejo da humanidade. Em sentido oposto, apresentam de maneira disfórica todos aqueles que se opõem a esse avanço, desqualificando, acusando e duvidando de sua atuação, do uso das verbas e das intenções de entidades e profissionais voltados para a preservação do meio ambiente. Finalmente, a população indígena da

Amazônia é apresentada como grupos de selvagens de hábitos cruéis, mas a crueldade é justificada como reflexo das más condições em que vivem as “culturas primitivas”, sendo possível reverter a situação com educação e melhores condições de vida, integrando o índio à sociedade.

Adiante, o foco do respeito ao índio é deslocado para uma suposta conspiração das ONGs para que as culturas indígenas permaneçam em estado “selvagem” e suas terras demarcadas, intocadas; dessa forma, as organizações não apenas garantem recursos para a sobrevivência de seus profissionais, mas também para atender a propósitos escusos ligados a interesses estrangeiros.

5.4 Temas e Figuras

Estruturalmente, a produção é construída de forma a apontar problemas, desqualificar opositores e apresentar o agronegócio como solução fazendo uso de sequências temáticas ligadas entre si. A primeira sequência se dá com o tema do índio selvagem e cruel, destinada a provocar uma forte carga estética, que prende a atenção do espectador/destinatário. A segunda, conspira contra a ciência usando previsões catastróficas sobre a segurança alimentar que não ocorreram para levar à terceira, de como o agronegócio contribui para evitar a fome e manter a paz no mundo. Em seguida, disforizam as ONGs, em especial a *Greenpeace*, acusando-as de receber verbas elevadas e estarem a serviço de interesses estrangeiros. Continuam, acusando ambientalistas e burocratas de serem antissujeitos da nação, que manipulam os índios conforme seus interesses. Por fim, concluem com apontamentos para a solução dos problemas de alimentação do mundo através do agronegócio. Em todas as sequências, os gráficos, textos e reproduções aparecem sobre um fundo figurativizado como papel moeda (imagem 1) apresentando imagens de exemplares da fauna brasileira, figurativização que remete a uma associação entre a Amazônia e a exploração econômica e financeira defendida nessa produção.



Imagem 1 - *Frame* do filme “Cortina de Fumaça”, versão gratuita.

Fonte: YouTube

5.4.1 A crueldade do índio

Essa temática surge a partir evocação do Projeto de Lei Muwaji de 2007, que criminaliza a prática de eliminar bebês por questões culturais. A questão faz parte da cena inicial de forma a provocar estesia e indignação, e é retomada no final com uma solução redentora, como veremos mais adiante. É uma estratégia manipulatória para atrair e reter a atenção do destinatário para o documentário por meio de “emoções negativas, pois são essas que garantem maior participação” (DA EMPOLI, 2022 p. 21). A cena apresenta o momento do “desenterramento” de um bebê vivo por pessoas que aparentam ser policiais. A *mise en scène* parecer ser construída plasticamente para se assemelhar a um parto vindo da terra, um renascimento, com iluminação indefinida e ações que limitam a percepção de quem assiste ao vídeo. As pessoas falam em chamar uma ambulância para socorrer o bebê recém desenterrado. Embora mereça questionamentos sobre a existência de ambulâncias nas aldeias e como o grupo de pessoas chegou até o local no momento exato, a construção limita a percepção racional dos elementos que a compõem através de aspectos plásticos e da urgência em socorrer o bebê. Logo em sequência, há o depoimento do antropólogo da Atini (ONG, fundada pela ex-ministra do governo Bolsonaro Damares Alves em conjunto com Márcia Suzuki) em primeira pessoa, falando sobre a existência do que chama “práticas culturais nocivas”, um eufemismo criado para conduzir a um discurso infundado e deslocado

tematicamente, chegando a inserir a prática, topologicamente, no mesmo plano da corrupção. O tema é resgatado nas sequências finais em um jogo narrativo de oposição entre um fato considerado condenável pela sociedade – o enterro de crianças vivas e indesejadas – para levar ao discurso da ex-ministra que, contraditoriamente, associa essa prática ao assassinato de crianças, mas a relativiza apresentando justificativas culturais que levam os índios a praticá-la e, assim, pontua a necessidade de uma ação civilizatória para que ela não aconteça. O testemunho é oferecido com forte conteúdo estésico, provocado por lágrimas e um discurso de resgate e adoção de uma criança índia como filha. Para objetivar essa afirmação, o vídeo apresenta o testemunho de um índio jovem, em primeira pessoa, que afirma ter sequelas decorrentes do seu “enterramento” mas que está vivo graças ao socorro que recebeu e que na cidade tem acolhimento, escola e alimentação e leva ao tema seguinte, da ciência que falha.

5.4.2 Descrédito da ciência

Essa é uma temática de ligação entre dois discursos, relacionando erros em estudos feitos por cientistas renomados e que se mostraram equivocados ou catastrofistas ao longo do tempo. São teorias baseadas em trabalhos que vão de Malthus, com mais de 200 anos, até em modelos mais recentes mas que necessitam de revisão, como os dados elaborados pelo *Massachusetts Institute of Technology* (MIT) a pedido do Clube de Roma (CORAZZA, 2005, p. 437), que apontam para uma previsão de falta de alimentos no futuro. Figurativamente, são apresentadas imagens e referências de filmes de ficção científica com uma Terra superpovoada e destruída pelo ser humano com o objetivo de causar a estesia necessária e preparar o destinatário para a solução do problema, que está na temática seguinte do potencial agrícola brasileiro.

5.4.3 O agronegócio brasileiro como redentor da humanidade

Este segmento faz crer que o agronegócio é a resposta à hipotética falta de alimentos apontada anteriormente. São apresentadas justificativas infundadas para o avanço da agricultura sobre o bioma do Cerrado, antes considerado inadequado para o cultivo, e hoje uma região de alta produtividade agrícola conquistada com tecnologia da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e empreendedores determinados. É protagonizado por dois narradores: Roberto Rodrigues, ex-ministro da agricultura no primeiro governo Lula, e Nicholas Vital, jornalista, que apresentam Allyson Paulinelli - ex-ministro da agricultura e um dos responsáveis pela criação da Embrapa durante o governo militar do General Ernesto

Geisel e hoje um dos expoentes do agronegócio - como o “pai da moderna agricultura brasileira” e o agronegócio como fator de redenção da humanidade. Procuram fazer crer que essa performance justifica sua indicação para o prêmio Nobel da Paz pelo Conselho Nacional de Agricultura e Pecuária, entidade que representa os interesses do agronegócio. Essa indicação leva a um sentido de autoridade reconhecida mundialmente legitimando suas afirmações a respeito do avanço da agricultura extensiva sobre o bioma do Cerrado.

Os formantes plásticos da cena representam a figura de um pai ou avô, com uma representação patêmica, composta por gestos que remetem aos sentidos de ternura, tranquilidade e sabedoria. O enquadramento é feito em primeiro plano, contra *plongée*, recurso visual que cria o efeito de autoridade. Plasticamente, a iluminação é suave, quente, e o ambiente em tons terrosos, acolhedor, de intimidade e alinhado cromaticamente à terra e à agricultura. Ele fala através de um *storytelling*, um recurso discursivo que, além de objetivar, envolve e torna cúmplice o seu destinatário. Nele, narra a sua origem, atuação na criação da (Embrapa) sem as limitações impostas por governos - apesar de essa ser uma empresa pública - e visão de aproveitamento do potencial do Cerrado; complementa de forma falaciosa, afirmando que esse bioma era formado por terras que foram produtivas numa antiguidade indefinida, foram degradadas e voltaram à produtividade pela mão de empresários determinados e uso de tecnologia desenvolvida pela Embrapa, com o alcance de números expressivos em produtividade e valor, garantindo a segurança alimentar de grande parte da humanidade.

Em sua estrutura, a narrativa é concluída com reafirmação da pauta. Estratégia recorrente nas redes sociais, a da iteração (GREIMAS E COURTÉS, 2018 p. 278) visa tornar presente temas mais importantes, facilitando processos de manipulação; assim, requeem a estratégia de magnificar a importância da agricultura e da tecnologia nacional que, aliada ao clima e à pluviometria, garantem três colheitas anuais na mesma terra: solução para acabar com a fome mundial, o que justificaria a extensão de novas fronteiras agrícolas. Esse é um argumento contraditório, na medida em que a maior produtividade dispensaria a expansão. Soma-se a isso o uso incorreto da palavra sustentável, que no vídeo tem o sinônimo de ocorrer no mesmo lugar e não de preservação ambiental.

5.4.4 ONGs e ambientalistas como antissujeitos da nação

A partir deste segmento, o documentário atribui a defesa e manutenção do bioma da Amazônia e dos povos que lá habitam a interesses desonestos das nações europeias, sobretudo, que conspiram para manter a floresta intocada, evitando a expansão agrícola e a concorrência aos seus produtos. A teoria conspiratória fica evidente ao criar um sentido de ameaça indefinida, a partir da leitura de um trecho de “A Guerra dos Mundos”, de H. G. Wells, afirmando que olhares escusos estão observando o planeta, exibindo imagens da Floresta Amazônica e suas riquezas. Tal pensamento é ligado à atuação da ONG *Greenpeace*, que em sua gênese seria comandada por voluntários bem intencionados, para depois crescer e se tornar um ambiente de abrigo a ambições políticas de esquerda. Seguindo a estrutura dos outros segmentos, a narrativa procura objetivar suas afirmações por meio do testemunho de Patrick Moore, ex-dirigente do *Greenpeace* que se refere à entidade com falas ressentidas e acusatórias pelo crescimento, profissionalização e sua perda de poder na gestão da entidade. A atuação da entidade é desqualificada, fazendo crer que sua trajetória é ineficaz, já que o impedimento da caça às baleias, seu objetivo inicial, só ocorreu quando a atividade foi proibida por lei nos anos 1980, dado o uso do querosene como substituto do óleo que delas se extraía. Essas são afirmações falaciosas, já que o querosene, o gás e a energia elétrica substituíram o uso do óleo de baleia desde o final do século XIX. Da mesma forma, a perspectiva de extinção da espécie, a denúncia e a divulgação de dados feita pelo *Greenpeace* sensibilizaram a opinião pública na época e colaboraram para o surgimento de uma legislação protecionista internacional e esses cetáceos. A sequência é finalizada com o estabelecimento de um paralelo entre a atuação do *Greenpeace* e as ONGs que atuam na Amazônia.

A teoria conspiratória em relação as ONGs continua, evocando como factual uma farsa jornalística que provoca envolvimento estésico pelo histrionismo do seu protagonista: são exibidas cenas do Senador Heráclito Fortes propondo instalar uma CPI para investigar ONGs, com argumentação baseada na denúncia de fornecimento de verbas federais a uma organização inexistente: a construção irônica do jornalista Carlos Chagas, relacionando política e o fato de Plutão ter deixado de ser planeta.

Segue uma série de depoimentos e acusações, sempre em primeira pessoa e descontextualizações que objetivam transformar as ONGs em antissujeitos da nação, entidades que utilizam verbas públicas, estão a serviço de países da Europa, não prestam contas, são impunes, ineficientes e enganam as pessoas contribuindo para o enriquecimento ilícito de políticos e entidades. Os depoentes fazem parte do agronegócio ou apoiam o Governo Bolsonaro, disforizando seus opositores com acusações e retórica não comprovada

de que estariam a serviço de grupos, pessoas e entidades estrangeiras encabeçados pela Noruega ou pela França, países interessados em diminuir a competitividade dos produtos brasileiros para favorecer os seus.

Se, inicialmente, o vídeo denuncia as ONGs, faz o mesmo com ambientalistas, antropólogos e burocratas, afirmando que eles corrompem, manipulam e se aproveitam dos índios. Essas acusações fazem parte de três segmentos que somam mais de 45 minutos de denúncias não comprovadas e retórica acusatória, ora utilizando depoimentos em primeira pessoa, ou de narradores, apoiados por imagens e trechos descontextualizados de reportagens antigas ou filmes conspiratórios, negando a devastação da Amazônia e a existência de povos indígenas em áreas invadidas que causariam insegurança em empresários dispostos a investir na região. Relacionam dados a raciocínios tortuosos, como a disparidade entre a população indígena e a área a eles destinada; ou a analogias entre a obrigatoriedade de áreas de mata ciliar com a suposta limitação de uso de parte de uma residência.

É feita uma acusação hipotética, falaciosa e descontextualizada do restante do vídeo sobre uma suposta harmonia racial entre o branco e o negro, preconizada por Gilberto Freyre há quase 90 anos e uma “luta de classes com base étnica” defendida pela esquerda, a partir de uma fala solta e descontextualizada, extraída de uma entrevista de Florestan Fernandes, que privilegiaria reivindicações indígenas em favor de interesses estrangeiros e da perda de soberania do país sobre parte do seu território. Procurando fazer crer que o índio deseja se libertar, integrando-se à sociedade branca e ao capital, utilizam o testemunho do índio Kevelen Zoquezomalake, que criou uma cooperativa prospera integrada ao agronegócio, porém, no final, fica evidenciado que essa prosperidade decorre do plantio em terras ilegais, motivo de mais de 40 processos no Ibama e R\$ 120 milhões em multas. Se considerarmos o perfil dos espectadores do canal, essa demonstração funciona como um estímulo à desobediência civil para a invasão e aproveitamento econômico das terras da Amazônia.

5.4.5 Negacionismo e meio ambiente

Nesta questão, o vídeo nega a existência de problemas climáticos desviando o foco para ocorrências específicas, o que minimiza sua importância e seus efeitos. É uma estratégia inversa à anterior, que dá um sentido global ao agronegócio, ampliando a sua importância. Topologicamente, as queimadas e o desmatamento são considerados problemas menores, semelhantes aos expostos anteriormente: essas seriam apenas produto da agricultura de baixa tecnologia dos habitantes do Cerrado e da Amazônia e da coivara praticada pelos índios. Da

mesma forma, coloca dúvidas e desconfianças sobre a monitoração de queimadas por satélites, desqualificando a acuidade desses instrumentos.

Corroborando à estratégia de negação e minimização, a preocupação ambiental é atribuída a um modismo que atende ao desejo de artistas, empresários e políticos. Ao fim, é feita uma analogia das lutas em favor do meio ambiente a uma suposta “religião sem deus”, um argumento vazio de sentido mas que minimiza o debate ambiental. Há também a utilização de analogias que comparam o percentual de uso do território nacional para a agricultura com o de pequenos países europeus, como Holanda, Irlanda e Alemanha, deixando subjacente a ideia defendida pelo presidente Bolsonaro de que se os países europeus destruíram suas florestas, não têm direito de interferir, porque nós também teríamos o direito de destruir as nossas.

3 CONSIDERAÇÕES

Teorias conspiratórias sempre fizeram parte do imaginário das pessoas. O pouso da Apollo 11, a morte de Lady Diana e muitas outras são parte de um mundo de suspeitas infundadas, que tem um sabor especial justamente por envolverem um possível segredo por parte de quem as dissemina. Entretanto, elas deixaram a mídia *off-line* e o boca a boca para se estabelecerem na *internet* como parte do dia a dia das pessoas e com isso passaram a protagonizar o espaço político, colocando paixões e votos em movimento (BYFORD, J., 2014, p. 83).

No entanto, diferem do fenômeno que ora analisamos por esse ter um objetivo, uma estratégia discursiva e formatos especialmente desenvolvidos para fazer da desinformação um mecanismo de aderência a políticas que favorecem a expansão do agronegócio de forma ilegal em detrimento de populações indígenas, da manutenção de biomas do Cerrado e da Amazônia e do meio ambiente, de uma forma geral. Aqui, práticas de ataque direto e irrestrito ao inimigo para enaltecer o agronegócio e evidenciar sua posição supostamente desprivilegiada perante organizações de defesa ambiental, interesses estrangeiros, burocratas e povos indígenas. A primeira delas é ocultar as suas intenções por meio de subjetivações que conferem um sentido de isenção às suas narrativas, contribuindo para criar um efeito de verdade que surge do distanciamento em relação ao objeto. A essa segue a de apresentar uma estrutura problema-solução em que a questão está fora do agro: são as pessoas, a ciência, entidades, governos estrangeiros, índios, todos que se opõem ao seu objetivo de expansão. Cada um deles é cuidadosamente disforizado ou desqualificado de forma a minar a confiança

que a sociedade deposita nas suas atuações. Todas as acusações recebem uma objetivação através de testemunhos e argumentação na primeira pessoa, que produzem um efeito de verdade apenas porque essas dizem que são verdadeiras, ainda que não tenham fundamento ou estejam assentadas em conclusões dissonantes em relação aos dados que as originaram.

Cada novo tema ou segmento é criado de forma a produzir estesia, de chocar a ponto do destinatário não perceber os valores propostos na manipulação, particularmente aqueles que tratam dos indígenas e do desrespeito à sua vulnerabilidade. Os formantes plásticos evidenciam a disforia ou a euforia de cada objeto: se estiver em oposição ao agronegócio as imagens são apocalípticas, de destruição, sofrimento, fome e abandono. Ao agronegócio cabe a cálida imagem do pai, protetor e sábio, tantas vezes explorada na política e da causa que defende, pujante nos resultados econômicos, de prosperidade que é expressa através de números, gráficos e dos fundos com imagens de papel moeda. Ou, no caso dos indígenas, por uma mudança de estado provocada pelo capitalismo com a promessa de que será próspero e terá uma boa condição de vida ao aceitar a manipulação imposta pelo invasor de suas terras.

Por fim, chegamos à conclusão de que o documentário “Cortina de Fumaça”, produzido pela produtora Brasil Paralelo, dispõe de manipulações nos campos da estesia e da retórica a fim de defender os interesses do agronegócio brasileiro em detrimento de evidências científicas e da proteção ambiental. Não são todas as ONGs corruptas, não são todos os índios que estão sendo manipulados e nem todos os países tentam barrar o crescimento brasileiro, apenas aqueles que se opõem aos interesses dos grandes produtores agrícolas.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, E. A. et al. A circulação da (des)informação política no WhatsApp e no Facebook. **Lumina**, v. 13, n. 3, 2019, p. 29 – 46.

BARKUN, M. **A Culture of Conspiracy**: apocalyptic visions in contemporary America. University of California Press: Berkley/ Los Angeles/ Londres, 2003.

BARRETTO FILHO, H. T. Bolsonaro, Meio Ambiente, Povos e Terras Indígenas e de Comunidades Tradicionais: uma visada a partir da Amazônia. **Cadernos de Campo (São Paulo-1991)**, v. 29, n. 2, 2020.

BRASIL PARALELO. A Brasil Paralelo é uma farsa? A descrição na Wikipédia diz que sim. **Site Brasil Paralelo**, 2021a. Disponível em: <<https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/brasil-paralelo>>. Acesso em: 24 out. 2022.

_____. **Cortina de fumaça**. 2021b. Filme cinematográfico. Disponível em: <<https://youtu.be/hPTlsV2lmBw>>. Acesso em: 27 out 2022.

_____. Sobre Nós. **Site Brasil Paralelo**, não datado. Disponível em: <<https://www.brasilparalelo.com.br/sobre>>. Acesso em: 24 out. 2022.

CHAPMAN, J. **Issues in Contemporary Documentary**. Cambridge: Polity Press, 2009.

CORAZZA, R. I. Tecnologia e Meio Ambiente no Debate sobre os Limites do Crescimento: notas à luz de contribuições selecionadas de Georgescu-Roegen. **Revista EconomiA**, v.6, n.2, 2005, p. 435-461.

DEMURU, P. Conspiracy theories, messianic populism and everyday social media use in contemporary brazil: a glocal semiotic perspective. **Journal of culture, politics and innovation**, v. 3, 2020, p. 1-42.

_____. Caos, conspiração e messianismo. In: FECHINE, Y.; DEMURU, P. **Um Bufão no Poder: ensaios sociosemióticos**. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2022.

ECO, U. **Lector in Fabula: la cooperacion interpretativa en el texto narrativo**. Tradução: Ricardo Pochtar. 3 ed. Barcelona: Editorial Lumen, 1993.

EMPOLI, G. **Os engenheiros do caos**. 1ª. Ed. São Paulo/SP: Editora Vestígio, 2022.

GONZÁLEZ, R.; SERRA, M. Documentary functions: the uses of documents in non-fictional texts. **Visual Studies**, v. 36, n. 1, 2021, p. 63-69.

GREIMAS, A. J. **Sobre o Sentido II – Ensaios Semióticos**. São Paulo: EDUSP, 2014.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Editora Contexto, 2018.

GRUNER, C.; CLETO, M. “Sete denúncias”: guerra cultural e retórica antissistema no documentário da Brasil Paralelo sobre a pandemia. In: OLIVEIRA, R.;

CHRISTINO, D.; MACHADO JR., E (Org.) **COVID-19 e a Comunicação**. Goiânia: Cegraf UFG, 2021, p. 357-382.

JOSEPH, P. **Zeitgeist**. 2008. Filme cinematográfico.

LACLAU, E. **Emancipação e Diferença**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

LANDOWSKI, Eric. Sociosemiótica: uma teoria geral do sentido. **Galáxia (São Paulo)**, v. 14, 2014, p. 10-20.

MOURÃO, R.; ROBERTSON, C. Fake news as discursive integration: an analysis of sites that publish false, misleading, hyperpartisan and sensational information. **Journalism studies**, v. 20, n. 14, 2019.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Tradução: Mônica Saddy Martins. Campinas: Papirus Editora, 2005.

OLIVEIRA, T. et al. Politização de controvérsias científicas pela mídia brasileira em tempos de pandemia: a circulação de preprints sobre Covid-19 e seus reflexos. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 10, n. 1, 2021.

RECUERO, R.; SOARES, F. A desinformação sobre meio ambiente no Facebook: o caso das queimadas no Pantanal brasileiro. **Journal of Digital Media & Interaction**, v. 3, n. 8, 2020, p. 64-80.

RECUERO, R.; SOARES, F.; GRUZD, A. Hyperpartisanship, disinformation and political conversations on Twitter: The Brazilian presidential election of 2018. In: **Proceedings of the international AAAI conference on Web and social media**. 2020, p. 569-578.



REIS, J. C. S.; MELO, P.; GARIMELLA, K.; BENEVENUTO, F. Can WhatsApp Benefit from Debunked Fact-Checked Stories to Reduce Misinformation? **The Harvard Kennedy School Misinformation Review**, v. 1, n. 5, 2020.

SØRENSEN, B. Digital diffusion of delusions: a world wide web of conspiracy documentaries. In: NASH, K.; HIGHT, C.; SUMMERHAYES, C. (Orgs). **New Documentary Ecologies: emerging platforms, practices and discourses**. Palgrave Mcmillan: Basingstoke, 2014, p. 201 – 218.

WINSTON, B.; VANSTONE, G.; CHI, W. **The Act of Documenting: documentary film in the 21st century**. Bloomsbury: Nova Iorque/ Londres, 2017.

XAVIER, I. **O olhar e a cena**. Melodrama, Hollywood, Cinema Novo, Nelson Rodrigues. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

Original recebido em: 12 de novembro de 2022

Aceito para publicação em: 13 de dezembro de 2022

Maria Estela Silva Andrade

Graduada em Imagem e Som pela UFSCar. Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais da USP. Atualmente cursa o Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UNIP com bolsa CAPES. Desenvolveu trabalhos como roteirista audiovisual para a iniciativa privada.

Antonio Roberto Rossi

Formação em Propaganda, pela ESPM, em Ciências Sociais pela PUC e Graduado em História pela USP. Possui Mestrado em Comunicação pela Universidade Paulista – UNIP. Atuou na área de Propaganda e Marketing em grandes agências de publicidade e atualmente como Consultor de Marketing e Comunicação na área de seguros.

Paolo Demuru

Doutor em Semiótica pela Universidade de Bologna, Itália, e em Semiótica e Linguística Geral pela USP. É Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Midiática da Universidade Paulista e pesquisador do Centro de Pesquisas Sociosemióticas da PUC-SP. Coordenador do Grupo de Trabalho "Práticas Interacionais, linguagens e produção de sentido na comunicação" da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS).



Esta obra está licenciada com uma Licença

HYPERLINK "<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>"Creative Commons Atribuição-

